

“Marcelo Costa escritor tido como
Asimov brasileiro.”

Pilar Lima, *Band*



M. A. C O S T A
REDENÇÃO
METROVINOS: A ORIGEM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



APRESENTAÇÃO

Este conto narra as primeiras 72 horas após o Grande Terremoto de Xangai em 2108. Conta a luta pela sobrevivência de um homem aprisionado nos escombros. Escombros que se tornariam a morada de milhares de chineses contribuindo para uma sociedade que 300 anos depois seria denominada 'metrovina'.

A estória aqui relatada ocorre num tempo anterior ao capítulo 'Metrovinos' do livro **REDENÇÃO – livro um: Legionella**. Para entender um pouco mais deste povo, leia este conto. Para entender como eles se tornam protagonistas na história da humanidade leia o thriller sci-fi **REDENÇÃO**.

Esta estória é completa com início, meio e fim.

-- M.A.Costa

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

ÍNDICE

TRAGÉDIA

ZERO – UM

RETORNO

ABISMO

RIO

LUZ

MAPA: XANGAI RAILWAY STATON

TRAGÉDIA

No centro da Cidade Velha o tremor veio como um dragão furioso acordando que, descobrindo estar acorrentado, rugiu e rasgou a terra para dar espaço a sua escapada. O chão abriu por meio quilômetro quadrado tragando de uma só vez o hospital público já vazio e a escola primária onde os últimos professores corriam para os abrigos. Aí está uma lição que eles não poderão contar aos alunos sobreviventes.

O Rio Huangpu, com toda sua majestade e força, empurrou seus milhões de litros num tsunami de água doce pelas fendas da estação Tilaqiao, levando dúzias de homens e mulheres apavorados que corriam para sair deste buraco infernal que se tornaria sua última morada.

A fábrica de cimento ecológico explodiu quando a subestação elétrica vizinha despencou sobre suas caldeiras. Homens e mulheres abrigados nos bunkers à prova de terremoto, no subsolo da fábrica, descobrem a morte dolorosa de uma fornalha elétrica.

Um vagão foi jogado de um lado ao outro, sacudido como se brinquedo fosse. A gritaria misturava-se aos estrondos de bloco de concreto desabando, metal retorcendo e explosões de circuitos elétricos.

Todos corriam, todos empurravam. A senhora puxando um filho em cada mão sobe a escadaria principal da Xangai Railway Station mirava na saída. Teve os filhos empurrados como se não estivessem ali para dar espaços a homens adultos, apavorados, lutando pela própria vida. Agarrou o menor no colo, arrastou o maiorzinho decidida a não perde-lo. Ao chegar no topo da escadaria

- quase levada pela massa humana - a vista depara, ao final do salão - com uma parede intransponível de concreto e metal retorcido. Fim da linha!

O senhor de 102 anos tentou levantar-se do banco para correr rumo à porta do trem mas foi empurrado de volta pela turba ensandecida que só pensa em si. O instinto de sobrevivência é o mais poderoso dos instintos humanos e, também, o mais egoísta. Finalmente levantou-se e tentou andar mas foi derrubado, atropelado, pisoteado. Já não levanta mais.

Uma placa de aço atravessou o teto do trem 1278-A rumando para Dupiquiao. Rasgou e retorceu o aço como de papel fosse e finalmente descansando em cima dos três estudantes juvenis a caminho da escola. Massa viva funde-se com aço numa poça indiscernível.

O executivo cinquentão rompeu o lacre da janela de emergência de seu vagão e atirou-se por ela no mesmo instante que o vagão é tragado para uma fenda de dez metros de diâmetro. A janela é a sua guilhotina e metade dele fica com o vagão, metade na plataforma.

Meia dúzia de homens arriscaram-se correndo pelos trilhos em direção à próxima plataforma. O painel elétrico mais próximo explode num óbvio curto-circuito lançando grossos cabos de 20.000 volts em contato com os trilhos. Todos sentem o destino de uma descarga elétrica monumental quando um corpo serve de para-raios. O sangue em suas veias entra em ebulição, o coração fibrila, o cérebro pára.

O inferno na Terra apenas começara.

ZERO – UM

Ele não sabia onde estava. Acordou com um enorme dor de cabeça como se estivesse prestes a explodir. Colocou a mão direita no topo da cabeça, de onde a dor emanava, e sentiu um molhado, quente. Não conseguia enxergar nada - nada, nada, nada - assim provou o molhado que retornou na sua mão para constatar o que já desconfiava: sangue. Foi isto: algo bateu-lhe forte na cabeça, causando o corte e desmaiando-o.

Estava deitado de bruços. Espalmou as duas mãos rente ao corpo e tentou levantar. Conseguiu elevar o tronco mas suas pernas estavam presas. Voltou a deitar e girando um pouco para a direita descobriu o que as prendia. Tateou e sentiu um tecido, áspero. Parecia jeans. Empurrou e sentiu solidez, mas não muita. "Alguém, um corpo talvez", imaginou.

- Ei, você! - gritou.

- Tem alguém aqui? Alguém me ouve?

Empurrou com a mão direita a massa que sentia pressionar seu corpo e gritou novamente:

- Ei, me ouve?

Mas nada, nenhuma resposta. Aliás, somente ouvia silêncio. O ar do metrô agora era pesado e quente. Sem energia elétrica não havia sistema de ventilação. Sentia o cheiro de suor e um cheiro indescritível de medo.

Virou-se à direita o máximo que pode e empurrou a massa que jazia sobre suas pernas ao mesmo tempo que encolhia-as em direção ao tronco. Solto-as.

Ao ficar de pé sentiu o mundo girar. Deu um, dois passos em falso para a esquerda e tropeçou em algo sólido caindo de mau jeito em cima de alguma coisa. Segurou a dor e o grito rangendo os dentes e nesta nova posição decidiu que tinha que enxergar onde estava - e como o ambiente estava - antes mesmo de tentar levantar-se

Sentou-se como pode. Tirou seu comunicador pessoal do bolso e ligou-o. Primeiramente verificou se tinha sinal: tentou fazer um ligação, para a esposa, sem sucesso. Acionou em seguida a lanterna do mesmo para examinar à sua volta. O que viu fora mais terrível que imaginara!

Agora o medo infiltrou de fato suas entranhas. Num átimo penetrou seus poros, ocupou toda sua alma e mente como um encantamento maligno. Paralisou-o.

O vagão que estava encontrava-se totalmente achatado à sua frente por enormes blocos de concreto. Viu alguns corpos inertes aprisionados neste amálgama de aço, concreto e carne.

Atrás, um enorme rombo no teto evidenciava por onde uma placa de aço - provavelmente da cobertura do teto do túnel - havia trespassado. Na sua imediata frente percebeu o corpo de um homem grande, cabeça embaixo desta placa. O corpo e pernas eram daquele que prendera suas próprias pernas. Após a placa de aço, um amontoado de corpos. Uma pilha com talvez dez ou quinze. Muitas crianças uniformizadas - com certeza indo à escola. Além disto, nada via.

A memória dos últimos instantes começa a retornar: acordara às 6:30, ajudou Liu Sun - sua esposa - em arrumar Mei e Lok para a escola - seu casal de filhos de 7 e 9 anos. Tomara seu café duplo e

saíra para pegar o metrô das 8:10 na estação Linping perto de casa. Esta havia sido sua rotina nos últimos sete anos e meio. Mas, hoje, algo diferente. Terrivelmente diferente aconteceu. Algo que mudaria a humanidade para sempre: o Grande Terremoto de Xangai.

Quando já estava em movimento, dentro de um vagão do metrô, cumprindo uma rotina que tanto conhecia, soou o primeiro alarme. Primeiramente as sirenes de superfície, trinta segundos depois as rádios e TV noticiaram a tragédia por vir, mais trinta segundos e todos, todos, os comunicadores pessoais tocaram para seus usuários ouvirem a mensagem padrão: *"terremoto iminente. Recolham-se às plataformas aéreas ou se estiverem em prédios seguros assim permaneçam. Evacuem o metrô e trens. Desembarquem dos aerotransportes e outros transportes públicos. Isto não é um ensaio. Terremoto iminente"*.

A preparação para infortúnios como este dita que os trens tem que parar nas estações imediatamente a frente, todos desembarcam e saem da estação, o trem avança para outro entrar. O maquinista seria o último a sair, na última estação. Mas algo deu errado. O trem a frente do que ele estava parou, todos desceram e ele assim permaneceu, não dando espaço na plataforma para o seu encostar.

Soou o segundo alarme. Faltavam dez minutos para a primeira onda sísmica. As pessoas tentaram forçar as portas do seu trem para correrem pelos trilhos numa tentativa de salvação mas não conseguiram. Então, se empurraram dentro dos vagões em direção ao primeiro, onde estaria o condutor. Ao chegar na cabine descobriram que ele havia fugido. Da cabine uma única e pequena porta dá acesso aos trilhos. Começaram a se empurrar e passar por

esta desesperadamente. Logo atrás muitos empurravam também esmagando os mais frágeis, velhos e crianças. A gritaria e choro era geral e ensurdecedor. Nos vagões atrás homens dos mais diversos tipos tentavam quebrar os vidros. Jogavam maletas, alguns acionavam alças de segurança ejetando janelas por onde muitos passavam - ou tentavam passar - desesperadamente. Alguns correram para trás, outros para frente. Na verdade ninguém sabia o que fazer. E o tremor veio.

Quando a terra rugiu pela primeira vez abriu uma fenda de 15 quilômetros nos quais sete destes atravessavam o trajeto do metrô de Xangai, o maior metrô do mundo. Um mamute tecnológico com trens de levitação eletromagnética, estações a prova de terremotos, inundações e incêndios. O mais longo e de maior transporte de pessoas do mundo recebeu todo o impacto do maior terremoto a assolar a China: 8.1 na escala Richter.

O sistema anti-pânico fora elaborado para em meia hora evacuar toda população em situação de risco na cidade. Incluindo quem estivesse nos subterrâneos. Mas algo deu errado. Aquele maquinista que bloqueou a estação Hallun iniciou uma reação em cadeia que repercutiria por séculos.

A última coisa que se lembra é do barulho de aço sendo atingido por concreto, uma dor imensa na cabeça, e mais nada. Agora, acordado e ciente de ser o último sobrevivente de sua viagem matinal, tem quem encontrar uma saída de onde está.

A parte frontal do vagão está totalmente destruída e o trajeto idem. Resta caminhar pelos trilhos no sentido oposto até a primeira estação. Sair do vagão não é tão difícil - existe um rombo enorme na lateral direita - mas caminhar nos trilhos se mostra um desafio. Seu

pequeno comunicador pode somente iluminar poucos metros a frente e o chão encontra-se recoberto por detritos. Lentamente, às vezes tropeçando, às vezes apenas topando em blocos de pedra e concreto, ele consegue avançar na escuridão desta caverna. Após algum tempo indiscernível chega à estação Hallun, sobe a plataforma, vê o vagão vazio que bloqueou a entrada do seu e tenta achar a saída. A massa de detritos é tão impressionante que nem consegue discernir onde começam as escadas rolantes. Sobe no entulho enquanto sente um cheiro que só sentira na juventude.

Quando jovem um amigo que morava na mesma rua que ele, numa típica brincadeira de mau gosto, movida a testosterona, tranco-o por longas quatro horas no porão de sua própria casa. E, ainda, garantiu que não houvesse luz neste porão. Sentiu frio, sentiu medo, sentiu claustrofobia. Desde então, sempre que sente medo, sente o mesmo cheiro: odor seu, emanado pelas suprarrenais. O cheiro do medo.

Do topo do entulho percebe que não há passagem por ali. Desce, atravessa os trilhos, sobe na outra plataforma e, agora, de perto, percebe que lá também há apenas rochas como portas de uma prisão, encarcerando-o naquele porão novamente.

No canto Sul desta plataforma tem impressão de ver menos rochas. Decide removê-las - ou tentar. Com as mãos nuas consegue tirar as menores às custas de arranhões e cortes até que, finalmente, uma pedra maior se solta do topo e rola em sua direção! Sem enxergar pula de qualquer forma para sua direita e por pouco a pedra com seu nome apenas resvala no seu lado esquerdo, rasgando sua roupa, arranhando seu tronco e braço mas deixando-o o vivo.

O homem, caído no chão, soluça de medo e raiva pela burrice dos seus atos . Ele finalmente compreende que sem iluminação apropriada, sem equipamentos e sem ajuda, o máximo que conseguirá com esta estratégia será antecipar sua morte.

Cansado e amedrontado, perdido sem saber o que fazer, ele dorme.

RETORNO

Horas ou minutos se passaram. O tempo é algo etéreo quando não se tem o sol para nos guiar. Acordado, machucado, amedrontado e com fome ele decide retornar de onde veio para tentar reunir algo que lhe ajude a prosseguir pelos trilhos em busca de uma saída. Precisa de comida. Precisa de mais iluminação.

No vagão retorcido, destruído, começa a remexer os mortos. O cheiro de corpos inertes já ocupa o espaço. Os braços e pernas começam a enrijecer. Mesmo nesta escuridão os insetos acham seus destinos e moscas já estão fazendo suas danças macabras por sobre as carcaças.

Ele achava que seria mais fácil - por ser um descrente - mas perturbar o último sono de seus compatriotas afetou-o além da imaginação. Porém, o instinto de sobrevivência é o mais forte dentre todos os nossos instintos e ele sabia que sem água, comida e luz, não sobreviveria naquela tumba inesperada.

Do garoto adolescente pegou mochila. Esvaziou-a de seus cadernos e um a um foi coletando os comunicadores de cada morto. Sempre, ao pegar um, testava, ligava e se desesperava com o insucesso.

De um outro jovem conseguiu duas barras de neoproteína. Comeu uma e guardou a outra para a viagem. Com uma senhora achou uma pequena garrafa com um pouco de água que tratou de beber imediatamente. Guardou a garrafa.

De um senhor conseguiu um isqueiro laser. Retirou também cadarços de tênis e alguns cintos de couro sintético pensando:

"numa se sabe". Estava pronto. Sabia para onde tinha que rumar: estação Xangai Railway Station ou além.

Ele começou sua jornada com passos firmes. De certa forma já sabia o caminho: andar por entre os trilhos, cuidado com o entulho à esquerda, cuidado com o buraco mais à frente, chegar na estação Hallun. Não precisava parar, subir nas plataformas e procurar saídas porque elas não existem. Prosseguir até estação Baoshan.

Deve ter andado meia hora, talvez mais, talvez menos. Não havia como saber ao certo. Na verdade, através dos relógios nos comunicadores ele poderia saber o horário correto mas não ligava para isto no momento. Ele era um homem determinado: chegar à estação Baoshan e sair daquele 'porão'.

Esta estação estava pior que a anterior. Entulhos cobriam inclusive os trilhos. Por sorte não cobriam até o teto e conseguiu, com certa facilidade, superar este obstáculo. Usava a mochila nas costas e seu comunicador como lanterna na mão esquerda.

Do topo da pilha começou a descer em direção à plataforma sul. Teve que andar mais cuidadosamente mas os passos que dava pareciam firmes. Quando, de repente, ouve um murmúrio:

- Eiii! Alguém aí? – grita.

Nada. Nem o murmúrio. Grita novamente:

- Eiii! Alooooo! Alguém me ouve?

Ouve o murmúrio novamente. Fraco, baixinho, de algum lugar à sua esquerda. Quase andando de quatro, quase rastejando, começa metodicamente a procurar pelo som. Quem poderia ser? Alguém estaria ferido?

Felizmente ele a encontra: uma jovem moça a caminho da faculdade debaixo de um enorme bloco de concreto. Vê-se rosto que outrora fora lindo, o braço direito também a salvo do mamute de pedra que aprisionara-a, mas seu tronco e pernas estavam embaixo deste mesmo bloco.

Ambas as tíbias com fratura expostas. Da cabeça escorrendo lentamente sangue num provável trauma craniano. Ele, num desespero ineficaz, coloca seu corpo franzino de costas para o bloco de concreto, segura com as duas mãos e tenta em vão levantar o mesmo. Seria impossível só ao olhar mas a esperança é talvez o mais belo sentimento humano. E, muitas vezes, o mais frustrante.

Desconsolado, ele senta ao seu lado. Segura sua mão, afaga sua cabeça mas ela só geme. Os olhos sem aquela viçozidade da juventude. A expressão apavorada de uma pessoa que sabe estar próxima a morte.

Sabia ele que a única coisa que podia fazer era dar um pouco de carinho nestes momentos finais. Não havia esperança do socorro chegar tão brevemente. Não havia como levantar o bloco, não havia como tratá-la.

Após, não se sabe quando tempo, ela começa a estrebuchar. Ele segura-a com força e pensa "vai acabar, graças a Deus". Seu rosto torna-se negro como a morte, seu cheiro desaparece, seus olhos congelam como vidros opacos. Ela cessa de debater-se. Acabou.

Por longos minutos ele apenas chora abraçado à moça que nunca conheceu, e que nunca saberá quem é.

ABISMO

Ele levanta como pode. Juntando os pedaços de sua alma que ficaram esparramados na dor que havia sentido. Se havia visto a morte de perto no vagão onde acordara, agora vira a morte chegar e levar seu prêmio. Mas sabe que o próximo será ele, se não continuar seu trajeto. Se não achar uma saída.

Lentamente continua seu périplo ao longo dos trilhos, andando entre os dois travessões, cuidadosamente. A imagem do rosto lindo da moça, desfigurado pela dor e medo, não lhe sai da cabeça e, assim, distraído, tropeça!

A dor dos cotovelos impactando os batentes do trilho, dos joelhos mergulhando no cascalho só não é maior do que a sensação de que existe um vazio no chão à sua frente. Deitado entre trilhos seu rosto encontra-se em algum tipo de vão. Seu comunicador voa da sua mão e mergulha neste vazio. Ele acompanha com os olhos o trajeto deste pelo buraco enorme rumo ao chão distante. Trajeto que poderia ser dele se tivesse tido um pouco menos sorte e caído no abismo.

Ouve o barulho do comunicador encontrando o fim do abismo, vê sua iluminação ao longe e pensa "o quão fundo isto poderá ser?". Em pé lembra-se das aulas de física e resolve tentar descobrir a profundidade do mesmo - afinal, ele precisa atravessar este vazio para prosseguir em sua fuga. Tira outro comunicador da mochila e solta no vazio tomando o cuidado de contar mentalmente os segundos até o impacto no fundo: "um mil, dois...". Pouco menos de dois segundos. Tentando lembrar suas aulas de física na escola - e agora finalmente entende a importância destas - recorda que, para

calcular a profundidade do poço tem que levar em consideração a aceleração da gravidade (aproximadamente $9,8\text{mts/s}^2$) e do som retornando do impacto do objeto no solo (340 m/s). Chega a conclusão que este está a menos de 15 metros.

Ele tem dez cintos na mochila - retirados dos defuntos do "seu" vagão. Se conectar todos terá quase dez metros de "corda". Se pendurando ao final desta chegará a cerca de 3,5 metros do solo. Imagina que poderá saltar esta altura sem se machucar.

Primeiramente faça um dos trilhos à sua frente - ambos projetava-se paralelos e retos à frente ignorando o chão que ruiu abaixo. Enfia o cinto na fivela e aperta até estrangular o trilho ao máximo. Depois pega um a um os outros e passa cada um pela fivela de anterior fixando-o no primeiro furo. Repete o procedimento para todos os cintos e logo tem uma enorme tira de resistente couro de aproximadamente dez metros.

Puxa bem a corda improvisada para ter certeza que esta bem compacta e firme e inicia sua descida em rapel. Os comunicadores no chão lá embaixo fornecem alguma iluminação e cuidadosamente, pé ante pé, ele descende até eles. Sua corda improvisada não alcança o chão como previra mas deixa-o perto. Salta. De mau jeito, como era de se esperar, e fica alguns segundos se recompondo.

Ele está pronto para continuar seu trajeto na parte do chão que estava originalmente conectada aos trilhos acima. Agora é só recolher os comunicadores jogados, abandonar a corda improvisada e continuar.

A sua frente viu os trilhos continuarem, subindo numa inclinação provável de 10 graus. Daria para subir meio caminhando, meio se agarrando nos escombros. E assim ele o fez.

Deve ter levado poucos minutos mas, quando chegou ao topo, onde os trilhos ficavam novamente na horizontal, o cansaço abateu sobre si. Forçou o corpo e prosseguiu por esta reta que agora desvendava-se na escuridão. Após mais uns 5, 7 minutos se arrastando no cansaço ouviu barulho de água. Em sequência esbarrou em uma parede de escombros impedindo que prosseguisse por este par de trilhos.

Cansado, puxou-se para cima, para a plataforma da direita. Ao terminar, deitou por segundos para pegar fôlego enquanto ouvia - agora bem alto - o som de água empurrando constantemente. Levantou-se, iluminou com o comunicador o vão do trilho à frente, paralelo ao que ele vinha caminhando e viu um rio inesperado. Um rio que não deveria existir.

Provavelmente o Hungpu rompeu metrô adentro e invadiu alguns percursos e estações, pensou. Mas, era exatamente por este trajeto que deveria continuar se não quisesse morrer solitariamente naquela escuridão.

Respirou fundo, deitou e dormiu exausto e mais amedrontado que nunca.

RIO

Não conseguia respirar! Acordou com uma golfada de ar! Molhado, desnortado, perdido. Demorou segundos para entender que havia rolado do seu sono para dentro do braço artificial do rio Huangpu. Estava sendo levado pela correnteza. Esbarrou em detritos irreconhecíveis que também eram levados sem assim desejarem.

Não demorou para sentir algo impactar de forma lancinante sua coxa direita. A água fria e o desespero da correnteza o levando não permitiu que se preocupasse com a dor. Conseguiu agarrar uma das bordas da calçada. Arfando, sem energia, conseguiu se elevar na mais pura força de vontade. Ele era um lutador!

Por sorte havia adormecido com sua mochila nas costas. Recuperou o fôlego e tirou um comunicador para iluminar sua perna. Havia um enorme corte de uns 20 centímetros e muito sangue escorrendo.

Tirou sua camisa e rasgou uma tira. Pegou os cadarços que havia separado dos infelizes do primeiro vagão e fez um garrote amarrando o tecido em cima e abaixo do corte. Não amarrou demais. Só o suficiente para o sangramento parar. Respirou aliviado e sentou-se para descansar brevemente.

Encolheu-se abraçando as pernas, deitou de lado no chão em posição fetal. Começou a chorar descontroladamente e assim permaneceu por longos minutos.

De repente dezenas, centenas de ratos passam correndo por ele! Passam por cima, ignorando-o totalmente. Correm em todas as direções aparentemente desnortados ou apavorados. Isto é o

suficiente para fazê-lo parar de sentir pena de si e sentar. Neste momento veio o tremor.

Sempre, após um terremoto, ocorrem tremores secundários. O chão tremeu novamente, ouviu barulho de pedras, cimento, estruturas rolando e caindo. Ouviu barulho de entulho atingindo a água.

Respirou fundo uma, duas, três vezes. Engoliu a mistura de saliva e catarro que ainda havia em sua garganta e esperou. Pensou em tudo que vira até o momento: no amontoado de corpos no vagão, da moça linda perdendo a vida em seus braços, do rio improvisado tentando matá-lo e pensou: "Sobrevivi até aqui e estou vivo! Vou sobreviver!". E urrou, um espasmo, um grito gutural:

- AHHHHHHHRG !!!

LUZ

Levantou-se e comeu sua última barra de neoproteína. Reiniciou seu trajeto e após mais alguns poucos instantes caminhando teve a impressão de ver uma luz fraca ao final do calçamento onde estava. Apressa o passo ao seu jeito: mancando, claudicante. Mas espera encurtar o tempo até chegar a esta miragem ou salvação – pensa.

A luz se funde com um murmúrio a medida que ele se aproxima: gente! Com certeza. Pensa para si. Já não sente mais dor. Sente uma resolução, um estímulo para prosseguir como não sentia há muito.

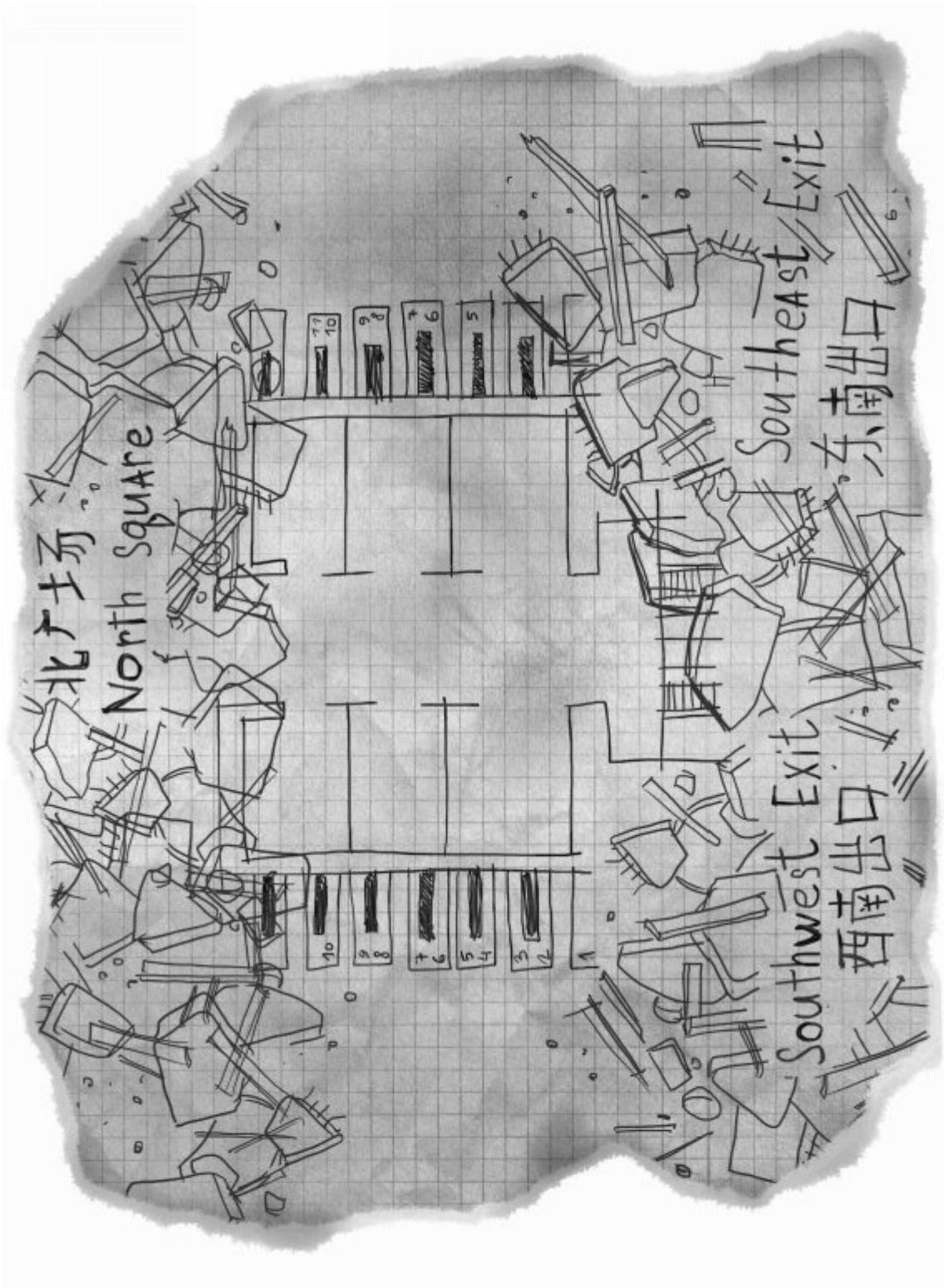
Ao atravessar a passagem que conecta este calçamento que ele percorre, calçamento este paralelo ao rio dos trilhos, vê-se diante de um enorme salão. Algumas luzes elétricas, fracas ao longe e uma placa à sua esquerda indicando: *Xangai Railway Station*. Chegara a maior estação de metrô e trens do complexo. Enxergava luzes, enxergava vultos, ouvia murmúrios.

Chegando mais perto percebeu pessoas, muitas, sentadas em um semicírculo. Algumas abraçadas, muitas chorando, especialmente as crianças. Um homem se levantou, caminhou em sua direção. Colocou as duas mãos em seus ombros e lhe perguntou: “Você está bem, filho? Quem é você?”.

- 亚当 (Yà dāng).[\[1\]](#). Meu nome é 亚当 (Yà dāng).

Conheça o livro REDENÇÃO - livro um: legionella:
www.redencaoolivro.com

MAPA: XANGAI RAILWAY STATION



[1] Yà dāng é 'Adão' em Chinês. Como o homem original Yà dāng seria o primeiro metrovino